

Projeto: Arroio Gauchinho – Uma proposta de Educação Ambiental no Berçário II

Marcia Regina de Azeredo Rysdyk¹, Marie Jane Carvalho e Dóris Maria Luzzardi Fiss

Introdução

Esse trabalho é o relato do Projeto Arroio Gauchinho, desenvolvido em junho de 2008 com crianças de 2 a 3 anos, alunos do berçário II, da EMEI Girassol, moradoras da Vila Brás, um bairro da periferia da cidade de São Leopoldo.

As crianças são oriundas (na sua maioria) de famílias com renda familiar inferior a 1,5 salários mínimos, com pouca instrução (ensino fundamental – séries iniciais – incompleto), com exceção de 4, cujas mães possuem Ensino Superior (Pedagogia) e os pais Ensino Médio. As famílias são constituídas de pai (ou padrasto), mãe e filhos (mais de 3), sendo que dois alunos vivem somente com as mães e os irmãos, sem a presença masculina adulta.

O projeto surgiu com a Interdisciplina de Representação do Mundo pelas Ciências Naturais, no Curso de Pedagogia à Distância da UFRGS, que lançou o desafio de trabalhar os ciclos da natureza. Simultaneamente, o SEMAE (Serviço Municipal de Água e Esgoto, de São Leopoldo) solicitou que a escola desenvolvesse um projeto sobre a preservação dos mananciais, em especial o Arroio Gauchinho.

Justificativa e Objetivos

Mas por que desenvolver o projeto com o berçário? Em primeiro lugar, porque era professora regente da turma. Em segundo, porque tinha duas demandas afins para dar conta – a preservação do Arroio Gauchinho e os ciclos da água.

Pensar um trabalho sério de Educação Ambiental com crianças de 2 a 3 anos, numa escola da periferia pobre, de uma cidade como São Leopoldo, levando em conta um aspecto que não fosse a reciclagem de lixo - como acontece normalmente - era uma idéia fascinante. A turma, em especial, era muito curiosa, atenta a tudo o que acontecia na sua volta.

¹ Marcia Regina de Azeredo Rysdyk – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aluna do curso de Pedagogia, modalidade à distância, Polo São Leopoldo. E-mail: mrysydk@gmail.com

Metodologia e Desenvolvimento

As crianças adoravam ouvir histórias. Então, tudo começou com uma história que foi usada como fio condutor, explorando o tema de forma séria e, ao mesmo tempo, lúdica, como convém à faixa etária. E assim “O Peixe Pixote”, de Sônia Junqueira, passou a fazer parte do projeto. Na preparação para a história foram mostradas fotos de peixes às crianças, perguntando-lhes que bichinhos eram aqueles, onde viviam, o que comiam, como dormiam, onde brincavam. Depois, foi contada a história do Pixote, um peixinho que achava o seu mundo muito feio porque nunca havia aberto os olhos para apreciar toda a beleza do lugar (aqui entra também o subjetivo – se abrirem os olhos verão que aqui há muita beleza para ser apreciada: é só olhar e ver).

O desdobramento aconteceu através de uma aventura do Pixote, inventada para contextualizá-lo com o Arroio. Ele se perde da mãe e acaba vindo parar num riozinho de águas sujas onde fica sem forças pra nadar e encontra um amiguinho, o Peixinho Dourado (personagem de outra história contada posteriormente). Desse encontro nasce uma amizade muito bonita e os dois peixinhos resolvem salvar aquele pequeno rio, pedindo ajuda para os amigos do BII. Entra em cena, então, um fantoche que vai até a escola pedir socorro aos pequenos.

Simultaneamente às histórias foram realizadas atividades que tornaram mais significativo o projeto, tanto para os profissionais que atendiam a turma quanto para as crianças que passaram a se envolver mais intensamente no trabalho.

Foi feita uma visita ao Arroio Gauchinho para ver como estava a situação das suas águas - momento mais emocionante (e perigoso também) do trabalho: dezoito alunos de dois anos de idade, acompanhados de 5 professoras, a pé por aproximadamente 3 quarteirões, atravessando uma ponte de madeira, estreita e sem corrimão, para poder observar as águas e as margens do Arroio.

As crianças ficaram encantadas com o passeio e puderam ver todo o lixo que estava depositado dentro do Gauchinho e nas suas margens.

As conversas na rodinha giraram em torno do que viram no Arroio e o que poderia ser feito para melhorar as condições da água. Várias respostas surgiram: pedir para a “patrola” tirar todo o lixo de lá, a um super herói e uma fada ajudarem a limpar o “rio do peixinho” e ao pai e à mãe pra ajudarem também.

Confeccionaram um cartaz, no qual colaram vários materiais que representavam o lixo depositado no Arroio, pintado por eles mesmos com tinta e pincel no dia anterior. A cada

dia faziam uma alteração nesse cartaz. No final, o arroio fica limpinho com a ajuda do pó mágico da “fada” (e eles retiraram tudo o que haviam colado lá: sacolas plásticas, caixas de leite, embalagens, pedaços de tecidos...). Com o rio limpinho, os peixinhos poderiam voltar a viver nele. Eles pintaram peixes de dobradura e colaram no cartaz.

A história da “Gota – Uma biografia Apressada” descreve romanticamente como acontece o ciclo da água. Os alunos e as alunas pintaram as gotinhas e colaram naquele mesmo cartaz em vários locais, mostrando por onde a gotinha da história havia passado, desde o rio até as nuvens e de volta para o rio.

Assistiram dois filmes: “Tá limpo” e “O Príncipe das águas” (esse último produzido pela Corsan). Em virtude da idade, não compreenderam tudo o que lhes era apresentado nos vídeos, mas conseguiram estabelecer relação com o projeto que estava sendo desenvolvido na escola.

Às famílias foi enviado um questionário no qual eram questionadas sobre as condições do Arroio, além de solicitar sugestões para melhorar a qualidade da água do Gauchinho. Muitas demonstraram ter consciência da situação do arroio e das conseqüências ambientais e sociais da poluição de suas águas, uma vez que ele é afluente do Rio dos Sinos, rio que abastece a cidade e toda a região. Demonstraram preocupação com os mosquitos e com a contaminação das águas que invadem as ruas e casas do bairro, quando o arroio transborda, em época de muita chuva.

Resultados e Conclusão

O desenvolvimento do projeto durou um mês, o dobro do tempo que estava previsto inicialmente. Isso aconteceu porque houve um grande envolvimento das crianças com o trabalho e um encantamento dos profissionais com o que estava acontecendo no berçário.

O trabalho teve conseqüências de toda a ordem. A turma amadureceu muito: melhorou a linguagem, ampliou vocabulário, passou a se preocupar com o destino do lixo que produzia (os alunos e as alunas colocavam tudo no lixo “pra não ir pro Riozinho”), descobriu mais um espaço do bairro e aprendeu a valorizar a natureza. Claro que tudo isso dentro das limitações da idade.

A escola, como um todo, passou a respeitar mais o trabalho realizado no Berçário II, que até então era encarado somente como cuidar dos bebês e levá-los para a pracinha para brincar. Ficou provado que dá para fazer numa turma com essa faixa etária, um projeto com

temática sócio-ambiental, objetivando a conscientização dos alunos acerca dos problemas da comunidade.

Eu mudei a minha maneira de encarar o meu trabalho, inclusive nas outras modalidades nas quais atuo. Aprendi a trabalhar com projetos de aprendizagem e passei a valorizar mais os referenciais teóricos que nos chegam através da Universidade. Também entendi que o valor do que aprendo na academia está em poder qualificar e modificar minha prática.

Transformar um conteúdo acadêmico numa prática pedagógica voltada para berçário, aliando a um projeto de um órgão municipal (SEMAE) e à Educação Ambiental, não foi uma tarefa simples, mas foi possível e prazerosa para todos os que dela participaram.